

# DE HERDEIROS DA MODERNIDADE A CONSTRUTORES DE UMA NOVA ERA\*

Regis de MORAIS  
UNICAMP

## RESUMO

O presente texto focaliza os descaminhos a que a modernidade é levada no século XIX. A partir de tal focalização, investiga as lamentáveis heranças do mundo moderno, que imprimem na contemporaneidade uma feição trágica. Porém, abordando a "revolução científica contemporânea" (que se verifica nas primeiras décadas do século XX), mostra grande transformação de mentalidade que se delineia nos anos finais do presente século. Finalmente, cogita sobre as novas possibilidades da educação para os tempos vindouros.

## RÉSUMÉ

Le présent article envisage les égarements de la modernité au XIXe siècle. À partir de cette mise au point, l'auteur recherche attentivement les regrettables héritages du monde moderne. En abordant néanmoins la "révolution scientifique contemporaine" (qui s'accomplit dans les premières décades du XXe. siècle) montre la grande transformation de mentalité qui s'ébauche aux années finales du présent siècle. Finalement, conduit sa méditation sur les nouvelles possibilités de l'éducation pour les temps à venir.

---

(\*) Exposição feita na Conferência Internacional Educação para o Futuro, Memorial da América Latina, S. Paulo, 05-10-1993.

A Idade Moderna foi um período pleno de encantos e entusiasmos. Isto é inegável desde que pensemos no arroubos de totalidade do Renascimento antropocêntrico, desde que não nos esqueçamos da grande aventura de interpretação do mundo de Newton ou o brilho da campanha dos burgueses na Revolução Francesa. Inegável também ao nos recordarmos do fato de que, ao longo da modernidade, surgiram as principais sociedades científicas que até hoje sobrevivem. Todavia, os encantos e entusiasmos da modernidade prepararam, com certeza, grandes desencantos do presente século.

Na virada do século XIX para de o XX, apesar alguns trombeteios superficiais de otimismo (como podemos ler, por exemplo, nas obras de Ernest Renan ou em algumas de Mark Twain), sabia-se que o homem do século XIX, civilizatoriamente avançado: a) perdera a humildade do medieval, em seu posicionamento frente à Natureza bem como ante as revelações divinas; b) perdera parte do entusiasmo cândido do renascentista, no júbilo de sua "revolução científica" e da sua da sua "secularização liberalista"; c) pretendia, o homem do passado século, resolver o mundo: ou com o racionalismo absoluto ou com o empirismo relativista, quando não com a estranha combinação de ambos; d) nosso antepassado do século XIX chegara à arrogância do humanismo cientificista; e) finalmente, cristalizara ele o delírio do progresso como *fim em si mesmo*.

Nós, em nosso século XX, herdamos tudo isto.

Não demorou muito, e toda a "glória" herdada da modernidade precipitou-se num abismo de trevas e gemidos: a 1.<sup>a</sup> Grande Guerra de 1914. Guerra tremendamente cruel, lutada corpo-a-corpo, resolvida a baioneta. Tanta era a crueldade que marcava a 1.<sup>a</sup> Guerra que cada vez mais o homem contemporâneo se via desapontado consigo mesmo. Afinal, vinha-lhe do fundo das entranhas, o primata violento que os adornos civilizatórios esconderam por algum tempo.

A nação alemã perdia, a olhos vistos, a Guerra (um conflito armado que se alongava um tanto desnecessariamente). Foi então que Georges Creel, um especialista em relações públicas,

concebeu a idéia de preparar condições humanas e honrosas para uma rendição da nação alemã que pusesse fim ao conflito. Foi, assim, elaborado um documento em 14 pontos, o qual foi discutido pelo Presidente Wilson com os envolvidos na 1ª Guerra. Tal documento prometia: não aconteceriam anexações territoriais, não seriam cobradas indenizações aos vencidos, nenhuma humilhação poderia ser imposta aos perdedores.

Foi, então, assinado (em 1918) o "Tratado de Versalhes" - assim denominado por ter sido assinado na Sala dos Espelhos do Palácio de Versalhes. O cumprimento desse Tratado, no entanto, foi a maior página de traição, vilania e irresponsabilidade da história atual; nada do prometido e comprometido fora cumprido: imensa foi a humilhação por que passou o povo alemão. Estava instituído o discurso cínico das traições diplomáticas, com todas as suas "elegâncias". Para o cientista e pensador Gregory BATESON, o Tratado de Versalhes explica o grande elenco de infortúnios do presente século. Explica a 2ª Guerra Mundial e o medonho estado de ânimo em que nesta se mostrou o povo alemão, explica a Guerra da Coréia, a do Vietnã e outros conflitos filhos da irresponsabilidade da política internacional (BATESON, 1985).

As heranças da modernidade (configuradas sobretudo no "desencantamento do mundo" provocado pelo advento da ciência experimental) e o Tratado de Versalhes permitem-nos compreender: as inquietações ecológicas do homem contemporâneo, bem como o clima nefando de décadas de guerra fria. Como repetia BATESON, ao falar para jovens nos anos 60: "Os pais comeram frutos amargos e os filhos têm feridas nas bocas". Sim, para que possamos entender nossa atual boca cheia de feridas, temos que recorrer à História e ver o que fizeram nossos antepassados.

Pois bem. Nesse entrechoque político, mal os contemporâneos perceberam os avanços da ciência. Mal puderam eles perceber a ciência alterando as concepções de Universo (cosmológicas). Ainda no princípio deste século, o avanço científico questionou a cosmovisão mecanicista de Descartes e Newton, bem como a linearidade das formas positivistas de pensamento. A Física Teórica, ciência-símbolo dos tempos atuais, reencontrou

uma concepção metafísica do Universo, reabrindo possibilidades místicas de ciência, não apenas de crença (KOESTLER, s/d.). Isso ao ponto de dizer o físico britânico Sir James Jeans: "Ao contrário de ser uma massa de matéria caótica, o Universo é um grande pensamento inteligente em expansão". Ora, pela via científica e assessorado por cientistas, o filósofo francês Jean GUITTON propõe, para esses novos tempos, aquilo que ele denomina o **metarrealismo filosófico**: uma proposta de pensamento que ultrapassa a antiga tensão existente entre materialismo e espiritualismo, agora com a viabilidade de conciliação entre ambos. Escreveu GUITTON: "O ano de 1927 é um dos mais importantes na história do pensamento contemporâneo. Ele marca a arrancada da filosofia metarrealista. É o ano em que Heisenberg expõe seu 'princípio da incerteza', em que o cônego Lemaître anuncia sua teoria sobre a expansão do Universo, em que Einstein propõe sua teoria unificada dos campos, em que Teilhard de Chardin publica os primeiros elementos de sua obra. E é o ano do Congresso de Copenhague, que marca a formalização da teoria quântica. Não é significativo que essas revoluções epistemológicas tenham sido provocadas por homens de ciência?" (GUITTON, 1992: 138-139).

Assim, carregando as cicatrizes de grandes conflitos armados e as marcas materialistas do século XIX, o nosso século assiste - especialmente em sua segunda metade - a uma "revanche do sagrado", estudada esta por filósofos e cientistas dos talentos de Leszek KOLAKOWSKI e Peter BERGER. Novos cenários dão lugar à boa vontade humana de buscar a contemplação do rosto da divindade. As manifestações são muitas, ora mais orientais, ora mais ocidentais em seu modo, mas vê-se com clareza o homem contemporâneo novamente enamorado do sagrado.

Os "meios de comunicação de massa", em seu constante trabalho, mais com certa hiper-realidade do que com a simples verdade cotidiana, seguem passando uma imagem falsa do mundo e da vida. O que faz notícia são tragédias, chacinas, massacres - coisas felizmente excepcionais da vida. Mas essas coisas nos são apresentadas tão isoladas e de forma tão constante, que acabamos por pensar que a exceção é a regra. Que o mundo está assim mesmo e não resta qualquer esperança. Os milhões de anônimos íntegros,

cidadãos respeitáveis, mas que não fazem notícia, esses são ignorados pela mídia. Afinal, nunca se escreveu a história dos homens sem história. Escreveu o filósofo espanhol Miguel de Unamuno: "Os jornais nada mencionam da vida silenciosa dos milhões de homens sem história que a toda as horas do dia e em todos os países do globo se levantam a uma ordem do sol e vão para os seus campos, prosseguindo no obscuro e silencioso labor cotidiano e eterno, esse labor que, como o das madréporas suboceânicas, deita as bases sobre as quais se levantam as ilhotas da história" (Apud KUJAWSKI, 1988: 37). Como se pode ver, todo um potencial silencioso de melhoramento do mundo é ignorado pela mídia, a qual, como referi, passa uma imagem falsa das possibilidades do nosso tempo.

Em meus freqüentes contatos com jovens vejo que hoje, em termos de conscientização, assiste-se a uma mocidade em larga medida voltada para três idéias básicas: a) espírito e matéria formam apenas aspectos de uma mesma realidade; b) o Universo é, sim, um pensamento inteligente em expansão; c) um Universo assim inteligente não pode ter surgido da desinteligência do acaso. Na verdade, quase toda a humanidade volta a ser sensível a ponderações deste tipo.

Neste final de século, no entanto, não importa tanto ser-se otimista ou pessimista quanto importa ser-se esperançoso. Ocorre que otimismo ou pessimismo, qualquer dos dois é dependente de um indutivismo histórico inconsistente. Só se é otimista ou pessimista por razões objetivas que têm a ver com o comportamento histórico até este momento. Otimistas e pessimistas interessam, ambos, a governos discricionários ou a situações de dominação; afinal, para o otimista está tudo tão bom que ele nada reivindica; da mesma forma, o pessimista pensa: "O que eu sozinho posso mudar? Nada." E encruza os braços, sem aborrecer as figuras manipuladoras da realidade sócio-política. Mas o esperançoso, esse é perseguido, preso, exilado ou morto. Tem dentro de si, crepitando, o fogo de Prometeu: a força utópica. E, como lembra o filósofo alemão Ernst BLOCH, estamos colocados ante um dilema terrível: a utopia ou nada.

Como é sabido, o termo **utopia** vem da expressão grega **OU TOPOS**, que significa: o que **ainda não** teve lugar. E, observe-se, a expressão grega não tem voz de futuro do tipo: o que ainda não teve, não tem e nem nunca **terá** lugar. Utopia é termo que se abre para o redimensionamento do horizonte futuro, com funções que são também especificadas por Ernst BLOCH. Para este, são funções do pensamento utópico:

1) **Insistir em que o real não se esgota no imediatamente dado**: é necessário explorarmos os **possíveis concretos** dos quais o real está prenhe. Como pondera BLOCH: se o real for o "cárcere do já existente", uma terrível condenação pesa sobre a humanidade.

2) **Frisar que a utopia tem de ser um instrumento objetivo para explorarmos as possibilidades que há no real**, no sentido de que o trabalho com a "esperança" é a ruptura com a "experiência" em termos de ruins coisas passadas. É a busca decidida do **novum**.

3) **Insistir que utopia tem que ser exigência de radicalidade**. Não se trata de cultivar fantasias alienantes e a estas chamar de utopias; mas, alimentados de esperança redimensionarmos nosso presente mobilizados pela idéia-força da transformação. Nossa **vontade** de melhorar o futuro tem que radicar em que valorizemos nosso presente e neste atuemos, ainda que seja na linha da tão decantada "revolução molecular" (Apud MORAIS, 1993: 73-86).

Como deve ficar claro, o pensamento utópico não pode ser confundido com as referidas fantasias alienantes; apenas ele não tem as cores de certo pragmatismo pseudo-científico que só se dedica a pensar em "aplicações imediatas". Afinal, como frisou Bassarabe NICOLESCU, um tal pragmatismo não transformará nada enquanto não transformar a si mesmo, voltando a valorizar o aparato teórico e axiológico da vida humana - em termos de amadurecer decisões.

Ante tudo o que até este ponto expusemos, temos que colocar a pergunta exigida pelo evento do qual participamos: "de que dependem as novas possibilidades da Educação?" Nesse passo serei o mais objetivo possível, em termos textuais, simplesmente arrolando meus pontos de vista. As novas possibilidades da Educação dependem, a meu ver:

1º) de ultrapassarmos a condição de melancólicos e passivos herdeiros de uma modernidade em muitos aspectos equivocada;

2º) de tomarmos consciência das novas alternativas de pensamento e fé propostas pela ciência contemporânea. (Isso realmente pode mudar o rumo todo da Educação que hoje temos);

3º) os novas possibilidades da Educação dependem de termos presente o fato de que no futuro moram **todas** as possibilidades (as boas e as ruins), e de que se concretizarão as que forem preparadas pelo nosso agora;

4º) dependem de que os governos sejam vistos como servos das nações, e de que estas assumam as lutas pelos seus direitos. Isso pode dar o verdadeiro sentido de cidadania;

5º) dependem de que tenhamos claro que, enquanto a grande ordem política não mudar (ela, que há tanto precisa transformar-se!), temos pequenas e importantes coisas a fazer na guerrilha da ética do "ainda não".

Este é momento de pensarmos algo enorme como uma mudança de mentalidade em escala planetária, isto é: coisa que começamos agora, sabedores que seja algo que só pode acontecer em décadas de história. Este não é um momento adequado para perguntarmos o que devemos fazer amanhã em nossas salas de aula. Todo imediatismo, para além de ser falta de paciência histórica, traz em si o perigo das atitudes abruptas que depois desandam em equívocos.

Oxalá o futuro seja uma árvore frondosa que dê sombra e frutos aos nossos netos e aos filhos dos nossos netos. É preciso ter o desprendimento e a generosidade de plantar para que outros colham.

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, Gregory., **Pasos hacia una ecologia de la mente**, Ediciones Carlos Lohlé, Buenos Aires, 1985.

KOESTLER, Arthur., **As razões da coincidência**, Rio de Janeiro s. d. Editora Nova Fronteira.

GUITTON, Jean et alii, **Deus e a ciência**, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1992.

KUJAWSKI, Gilberto de M., **A crise do século XX**, S. Paulo, 1988.

MORAIS, Regis de., **Ecologia da mente**, Editorial PSY , Campinas, 1993.